



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**Refugiados Sírios: O cuidado com o outro em tempos de guerra e intolerância**

Viviane Mozine Rodrigues

[vmozine@uvv.br](mailto:vmozine@uvv.br)

Universidade Vila Velha (NUARES)

Brasil

Manuela Vieira Blanc

[Manuela.blanc@uvv.br](mailto:Manuela.blanc@uvv.br)

Universidade Vila Velha (NUARES)

Brasil

Rafael Cláudio Simões

[Rafael.Simões@uvv.br](mailto:Rafael.Simões@uvv.br)

Universidade Vila Velha (NUARES)

Brasil

Amanda Lorencini

Universidade Vila Velha

Brasil

Andrei Miterhofer

Universidade Vila Velha (NUARES)

Brasil

Jislaine Batista

Universidade Vila Velha

Brasil

Jorge Braga

Universidade Vila Velha (NUARES)

Brasil

Luanna Lupareli

Universidade Vila Velha

Brasil

Marina D'Amorim

Universidade Vila Velha

Brasil

Paula Barbarioli

Universidade Vila Velha

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMO

Este resumo foi enviado e aceito pelos coordenadores do GT 9 – Estrutura social, Dinâmica demográfica e Migrações.

Esta proposta de comunicação busca investigar a percepção em relação ao refugiado no contexto brasileiro, sendo dividida em dois objetivos específicos: conhecer a percepção dos brasileiros em relação aos refugiados e qual a percepção do refugiado Sírio em relação ao Brasil. Com base na teoria e metodologia da percepção social, foi constituída uma pesquisa de opinião em forma de questionário Likert com afirmativas relacionadas ao tema refúgio e disponibilizado nas redes sociais, com o objetivo de coletar dados que subsidiem o alcance deste primeiro objetivo. Foram obtidas respostas, possibilitando fazer uma análise da percepção com relação ao tema refúgio. Em consonância com o nosso segundo objetivo de pesquisa, foi realizada uma entrevista estruturada com um refugiado Sírio residente no Brasil há 8 anos que foi registrada em vídeo. Os resultados indicaram que os respondentes brasileiros possuem pouco conhecimento quanto ao tema, apesar de demonstrarem uma tendência ao acolhimento dos refugiados; por sua vez, o refugiado sírio nos relatou suas motivações para a escolha do Brasil como destino, bem como a sua percepção sobre a convivência no país.

### ABSTRACT

This summary was sent and accepted by the coordinators of GT 9 - Social Structure, Demographic Dynamics and Migrations.

This communication proposal seeks to investigate the perception regarding the refugee in the Brazilian context, being divided in two specific objectives: to know the perception of the Brazilians in relation to the refugees and what the perception of the refugee Sirio in relation to Brazil. Based on the theory and methodology of social perception, an opinion survey was set up in the form of a Likert questionnaire with affirmations related to the topic refuge and made available in social networks, with the objective of collecting data that support the achievement of this first objective. Responses were obtained, making possible an analysis of the perception regarding the refuge theme. In line with our second research objective, a structured interview was conducted with a refugee Sirio resident in Brazil for 8 years who was recorded on video. The results indicated that the Brazilian respondents have little knowledge about the subject, despite showing a tendency to receive refugees; in turn, the Syrian refugee told us his motivations for choosing Brazil as a destination, as well as his perception about the coexistence in the country.

### Palavras-Chave

Refugiados Sírios – Representação Social – Direitos Humanos

### Keywords

Syrian Refugees - Social Representation - Human Rights



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### 1. Introdução

Este artigo tem como objetivo coletar dados a respeito da concepção de refúgio para os brasileiros, assim como analisar o nível de informação dos respondentes da pesquisa em relação ao tema, visando enriquecer a literatura e possibilitar futuros estudos e reflexões a respeito do tema.

A situação atual da Síria, marcada por uma crise econômica, política e social, desperta o interesse para a investigação sobre como os brasileiros percebem esses indivíduos e sobre o modo de acolhimento realizado no país. O confronto na Síria trata-se de uma das piores crises humanitárias do mundo nos últimos anos. O país está devastado pela guerra, causando uma deplorável condição dos direitos humanos assim como é exposto por Vilhaval (2013) e reforçado pela imprensa internacional<sup>1</sup>. “Segundo cálculos da ONU, o número de mortos supera 100 mil e cerca de 2 milhões de pessoas se aglomeram em campos de refugiados nos países vizinhos.” (VILHAVAL, 2013, 31). Além disso, a ACNUR (ou UNHCR, em inglês), a agência de refugiados da ONU, recebeu apenas 58,7% do valor das doações direcionadas aos refugiados sírios até o outubro de 2016<sup>2</sup>. Essa entrega fracionada dos fundos dificulta a atuação da ACNUR, tornando ainda mais lentos os processos de intervenção perante a essas vítimas. Essas doações apresentam uma enorme ajuda as 2,8 milhões de famílias de civis em estado de extrema necessidade e medo constante, segundo a Human Rights Watch. Esses fundos são, por sua vez, divididos no cuidado e amparo com refugiados de diversas partes do mundo, sendo a Síria apenas uma das áreas beneficiadas (UCHOA, 2013).

Andrade (2011) destaca que a Síria é um país que conquistou sua independência em uma localidade geográfica turbulenta no Oriente Médio, mais especificadamente na Ásia Ocidental, devido a questões religiosas e sócio-políticas. As fronteiras sírias são igualmente objeto de disputa com seus países vizinhos: ao norte, a Turquia; ao leste e ao nordeste, o Iraque; ao sul e ao sudeste, a Jordânia; ao oeste, o Líbano e, mais ao noroeste, o Estado de Israel. Apesar de essas fronteiras representarem, cada uma, uma tensão, todas estão interligadas por um único circuito de ativação, ou seja, sendo potencialmente ataçadas em cadeia. Este contexto culminou com um estado de constante vigília.

<sup>1</sup> Vide reportagem THE EXTENT OF THE SUFFERING, do The Economist (2013), dentre outros.

<sup>2</sup> Dados disponíveis no site da UNHCR (<http://reporting.unhcr.org/financial>)



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O conflito na Síria teve seu estopim em 15 de março de 2011, depois da repressão do governo diante das atividades de pichação e grafite em muros da capital, Damasco, realizadas por estudantes que se manifestavam contra o governo ditatorial de Bashar Al-Assad, que perdurava por onze anos. Bashar sucedera seu pai, Hafez Al-Assad, após a sua morte, em 2000, no mesmo ano em que completava 30 anos no poder. A ascensão de Hafez Al-Assad ao poder se deu com a aplicação da Revolução Corretiva, uma investida militar por ele chefiada como comandante-chefe das forças aéreas, e teve como intuito depor seu correligionário, Salah Jadid, assim como outros líderes socialistas do Partido Baath<sup>3</sup> (Andrade, 2011, p 125). Assim, Hafez se livra da oposição dentro do próprio partido e instaura seu regime. Os governos de Hafez e Bashar tiveram como estratégia principal a centralização do Estado Sírio e a manutenção e fortalecimento do Partido Baath.

O conflito Sírio integra a chamada Primavera Árabe<sup>4</sup>, caracterizada por um conjunto igualmente complexo em termos de suas fontes de conflito. A crise econômica foi um dos antecedentes das revoltas, envolvendo

a alta global do preço dos alimentos e da energia que se verificou na segunda metade do ano passado [2010], que se assemelhou à situação de 2008. O efeito imediato foi uma impressionante escalada nos preços dos alimentos e da energia na região, com um impacto direto nas populações que já viviam perto do limiar de pobreza, o que acontece com frequência no Norte de África (Joffé, 2011).

Dados da United States Energy Information, ou USEIA, exemplificam que os custos de energia subiram 29% entre 2009 e 2010, se somando a outros fatores críticos e que motivaram o descontentamento da população local. Na Síria, especificamente, um dos principais estopins das revoltas tem origem étnico-religiosa:

---

<sup>3</sup> Partido político que também governa o Iraque que defende o Baathismo, é uma mistura ideológica de nacionalismo e socialismo árabe e que se autodenominam anti-imperialistas. O Baathismo tem como objetivo a unificação árabe em um único Estado (DEVLIN, 1991).

<sup>4</sup> Onda revolucionária de manifestações e protestos que ocorreram no Oriente Médio e no Norte da África a partir de 18 de dezembro de 2010; levantes populares contra as monarquias constitucionais e regimes ditatoriais no Oriente Médio e norte da África (VILHAVAL, 2013).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Segundo dados colhidos no site da ONU em janeiro de 2013, a população de 23 milhões de habitantes se divide entre uma maioria sunita (correspondente a 74%) e minorias: alauítas (12% - é a que está no poder); cristãs ortodoxas (10%) e drusas (3%). Além disso há duas principais frentes de oposição armada que lutam pelo poder: o Conselho Nacional Sírio (CSN) e o Exército Livre da Síria (ELS), e todos esses elementos acabam dando maior dramaticidade ao conflito sírio, que mescla violência sectária e luta armada para deposição do ditador Bashar Al Assad (Andrade, 2011, p.125).

Nota-se então que este conflito não se trata somente de uma resistência à manutenção hereditária do poder, mas de um conjunto de tensões que envolvem grupos religiosos politicamente opostos.

No final da Primeira Guerra Mundial, com a derrubada do Império Otomano, que havia incorporado a Síria em 1922, o país passou ao domínio da França, que terminou privilegiando a minoria xiita (alauítas), com intuito de contrariar o movimento árabe de independência protagonizado pelos sunitas da região. A questão da rivalidade entre xiitas e sunitas se agrava quando, nos anos 70, Hafez al-Assad se torna presidente e consegue o apoio e militância dessa minoria aluístas, devido a sua política com a faceta igualitarista. Os militantes aluístas combatem a investida sunita praticando a violência como forma de manutenção do seu estado de dominância no poder (VILHAVAL, 2013).

O terceiro fator a se considerar seriam os movimentos sociais. Assad, tendo exemplos da própria Primavera Árabe, durante a qual movimentos sociais organizaram e executaram a queda de ditadores, volta parte da sua estratégia de manutenção do seu poder para a censura dessa organização popular, provocando reações dos grupos organizados no país (JOFFE, 2011).

Outro aspecto se refere à influência e os interesses estratégicos de grandes potências mundiais. A Síria é o último pilar de poder Russo no Oriente Médio, comprando aproximadamente U\$ 24 bilhões em equipamentos militares, assim como sedia um investimento Russo em infraestrutura no valor de U\$ 20 bilhões (VILHAVAL, 2013). Além disso, como é descrito por Machado e Mendelski (2015) a Rússia, juntamente dos EUA, protagoniza uma guerra ao terror na qual o presidente Vladimir Putin enxerga o apoio à Síria como a melhor opção para a luta contra o Estado Islâmico. Putin bloqueia as iniciativas de auxílio da ONU como moeda de troca para solidificar sua relação com o governo Sírio, de que depende, para continuar a exploração de gás fora



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de seu território. Ao mesmo tempo, os EUA, o Reino Unido e a China se mantêm titubeantes quando a uma investida militar, devido ao histórico de conflitos com o Afeganistão e o Iraque (VILHAVAL, 2013).

Segundo dados da IOM, 13.5 milhões de Sírios necessitaram de assistência humanitária, sendo que 4.8 milhões buscaram refúgio em países vizinhos<sup>5</sup>, essas pessoas perderam tanto suas casas, como membros da família, ficando a mercê de um contexto turbulento e sem capacidade para oferecer suportes básicos necessários para o indivíduo, sendo expostos a violação prolongada e sistemática de seus direitos humanos básicos.

## **II. Marco Teórico: A situação de Refúgio: reconhecimento legal e social**

Em decorrência de conflitos intra ou interestatais e por diversos motivos, sendo eles étnicos, religiosos, políticos, regimes repressivos, violações de direitos humano ou por outras situações de violência, pessoas são forçadas a fugir de seus países de origem, buscando a proteção de outro Estado, visando sua integridade física, segurança e liberdade. Assim se caracteriza a condição de refúgio (MOREIRA, 2010).

O Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) concede às pessoas que reconhece como refugiados a documentação necessária para residir legalmente no país de refúgio, trabalhar e ter acesso aos serviços de saúde e educação. O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) atua no Brasil em função da aplicação da Convenção de 1951 sobre o Estatuto do Refugiado, trabalhando com a sociedade civil e com os refugiados, facilitando seu processo de integração através de uma rede nacional de apoio, além de assistir aos refugiados, através de agências implementadoras, por um período inicial, auxiliando-os quanto à subsistência, moradia, transporte, mas tendo como foco principal o aprendizado da língua, a capacitação e a orientação profissional, propiciando ainda o acesso ao microcrédito, através de parcerias. O Governo do Brasil, segundo o Acordo Macro, tem como responsabilidade receber os refugiados, facilitar sua integração e disponibilizar o seu acesso às políticas públicas de saúde, educação e emprego, com o

---

<sup>5</sup> Dados disponíveis no site da IOM (<https://www.iom.int/news/iom-appeals-usd-234-million-help-displaced-syrians-host-communities-syria-and-region>).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

apoio do ACNUR e de organizações governamentais ou não governamentais (DOMINGUEZ e BAENINGER, 2006).

Diversos autores (como Meyers, 2000, Hollifield, 2000; Jacobsen, 1996, entre outros) demonstram que as organizações internacionais, em especial o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), juntamente com ONGs que fornecem ajudas humanitárias, influenciam os Estados a acolher pessoas que precisam de proteção imediata. A decisão de receber refugiados pelos países signatários leva em consideração diversos fatores, externos e internos, como considerações de segurança, capacidade socioeconômica de absorção, tradição humanitária e respeito a regimes internacionais.

O tema dos refugiados ganhou destaque no contexto internacional, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial (1939-45), quando mais de 40 milhões de pessoas se deslocaram no interior da Europa por ocasião da guerra. Nesse mesmo momento, devido às atrocidades da guerra, a questão dos direitos humanos passou a ser debatida a nível internacional. O debate ocasionou a constituição do regime internacional dos direitos humanos, com a Declaração Universal de 1948. A declaração defendia, entre outras coisas, o direito do indivíduo vítima de perseguição, de buscar e gozar de asilo em outros países.

Após a declaração Universal dos Direitos Humanos, o regime internacional dos refugiados foi criado, em 1951, garantindo a proteção à figura do refugiado. Para Moreira (2010), esse regime formou-se por meio do princípio da não devolução, que está inserido no artigo 33 da Convenção de 1951, impedindo os Estados signatários de expulsar das fronteiras dos seus territórios pessoas cuja vida ou a liberdade estivessem ameaçadas devido à raça, à religião, à nacionalidade, ao grupo social a que pertencem ou às suas opiniões políticas.

De acordo com o autor, no Brasil, a lei federal n. 9.474 de 1997 se insere nos marcos dos regimes internacional para refugiados, incorporando os motivos clássicos de refúgio da Convenção de 1951 e os motivos ampliados da Declaração de Cartagena de 1984, sobretudo quanto à violação de direitos humanos:

Artigo 1º – Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I – devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; (...)

III – devido à grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país (Brasil, 1997).

Segundo Guterres (2005), o Brasil é hoje um país exemplar, por ter uma das legislações mais avançadas do mundo a respeito dos refugiados, além de ter uma prática de proteção positiva quanto à recepção de pessoas em situação de refúgio. Entretanto, como afirma Dominguez e Baeninger (2006) a inserção dos refugiados nos programas do governo relacionados a medidas sociais e de renda, são importantes para ampliar as suas condições de integração, sendo que para isso é necessário que sejam adotadas novas políticas de recepção, ou novos posicionamentos, capazes de ampliar a garantia dos direitos desses refugiados.

Antes disso, o primeiro desafio de um requerente de refúgio diz respeito ao reconhecimento da sua condição, pelo país receptor. E este desafio não é menor do que aquele que diz respeito à adaptação ao novo contexto de moradia e ao estabelecimento de relações com seus novos concidadãos.

Para ser caracterizado como um refugiado o indivíduo precisa provar para o governo do país acolhedor que existe, sem espaço para dúvidas, um causador de risco para com sua vida (SCHUMACHER e SALUM, 2017). No entanto, essa tarefa pode ser complexa e ainda mais desgastante devido às dificuldades de adaptação ao novo espaço, à exclusão social da qual são muitas vezes vítimas e aos preconceitos derivados do estigma relacionado à condição de refúgio em si, muitas vezes traduzida em forma de discriminação e perseguição (SHUMAN e BOHMER, 2012).

Assim como tem se intensificado a crise econômica mundial na atualidade, se expandem movimentos de resistência à recepção de refugiados em todo o mundo. Esses movimentos, organizados ou não, contribuem para veiculação de mensagens de um imaginário deturpado sobre a população em condição de refúgio. É vigente nos dias atuais uma noção comum de que refugiados econômicos têm menor nível de escolaridade (COLIC-PEISKER, 2007).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

As políticas de acolhimento de refugiados, por outro lado, refletem diferentes modos de encarar o problema, por diferentes países. Os debates referentes ao aumento do número de pessoas em busca por refúgio vêm se intensificando e em certos casos incidindo sobre medidas restritivas. Israel, por exemplo, vem discutindo o acolhimento de refugiados em seu território a somente cinco casos, decisão justificada por parte do seu parlamento com a retórica de humanitarismo em atos, e não em “doutrina” (HERZOG, 2009), referindo-se ao apoio de atos humanitários separados, e não a uma política social para receber refugiados constantemente.

Goffman (1982) aponta que muitas vezes indivíduos estigmatizam outrem meramente pelo fato de que outros antes deles o faziam, dessa forma perpetuando essa visão. Em outras palavras, considerando os refugiados, estes são também estigmatizados devido à história e as experiências particulares da população acolhedora. Nos países da União Europeia, uma massiva onda de xenofobia gradativamente emergiu devido ao aumento do fluxo de pessoas em solicitação de refugio e, muitas vezes, de *bogus refugees*, traficantes de drogas que usavam desse artifício para entrar nos países europeus. Esse termo também é utilizado para denominar pessoas que fingiam estar sendo perseguidas política ou religiosamente solicitando asilo para morar na Europa desde 1980 (KOSER, 2009).

A visão negativa relacionada ao processo de migração, de um modo geral, advém principalmente da ansiedade e do medo de um choque cultural que se agravaria ao conflito entre civilizações, elevando o nível de criminalidade e comprometendo a segurança social (SCHUMACHER & SALUM, 2017). Essa associação entre refugiados e grupos criminosos tem aumentado como também é apontado por Shuman e Bohmer (2012), em uma coleta de dados realizada nos EUA e na Inglaterra no decorrer de dez anos. Os refugiados relatam se sentir excluídos da sociedade, além de vítimas de um estigma negativo, também têm que lidar com toda a esperança de uma vida normal ser extinta; em suas próprias palavras, “esse sentimento nunca mais retornaria”. Essa impressão é alimentada já no processo de solicitação do refúgio, quando a sua condição de vulnerabilidade é questionada e o negado, fazendo com que estes indivíduos recorram à estadia ilegal. Miggiano (2009) argumenta também que em alguns casos o refugiado é reconhecido pelo estado apenas como Home Sacer (indivíduo isolado da coletividade, sem direitos), condição que lhes permite permanecer no país, mas sem que lhe seja garantida condição de cidadania.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Uma pesquisa realizada na Austrália com 261 membros de uma universidade sobre as atitudes dos nativos para com refugiados mostrou que mais da metade (59,8%) destes marcaram pontos acima da média em “atitudes prejudiciais” perante a esse grupo de pessoas (SCHWEITZER, 2007).

O que Schumacher e Salum (2017) denominam “crise de solidariedade mundial”, agravada pela vigência de concepções preconceituosas sobre refugiados, prejudica o multiculturalismo, ocasionando uma resistência à integração desses grupos e fomentando medo sobre os refugiados, assim como à própria noção de refúgio.

Goffman (1982) destaca às diferenças (sejam elas físicas, raciais, culturais, entre outras) pode ser atribuído o caráter de estigma, um modo de desqualificação daquele que é diferente que, por sua vez, tende a exclusão desses indivíduos do convívio social considerado normal pela cultura local. A integração desses refugiados como indivíduos pertencentes à sociedade acolhedora, com a garantia de direitos e o reconhecimento da sua condição humanitária, os torna visíveis, reais, enquanto a sua estigmatização nega suas histórias e raízes (SHUMAN e BOHMER, 2012). Schumacher e Salum destacam, deste modo, que o

paradigma do reconhecimento contribui para uma melhor compreensão das condições sociais de integração do migrante na sociedade, cuja autorrealização é fundamental para o alcance da vida digna e para evitar fenômenos de desorientação e exclusão na vida social cotidiana (2017, p. 20).

Para que se reconstitua a sua identidade individual e a autonomia é necessário que seja assegurado uma rede de relações sociais de afeto/amizade, averiguação de direitos e responsabilidades e respeito por parte da sociedade. Para que os refugiados adquiram sua autonomia, é necessário que sejam identificados socialmente em uma dualidade proporcional entre reconhecer o próximo e ser reconhecido como pessoa, como normal, mesmo apresentando uma cultura ou costumes diferentes (SCHUMACHER & SALUM, 2017).

Dessa forma, visando investigar sobre a percepção dos brasileiros acerca do refúgio, assim como o conhecimento desses a respeito do assunto, utilizou-se dois questionários que foram divulgados em redes sociais para coletar dados para o estudo do tema em questão.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **III. Metodología: A percepção de alguns brasileiros a respeito dos refugiados**

Por meio da aplicação de dois questionários online (segundo um considerado o piloto e o outro aplicado posteriormente), foi possível mapear a percepção dos brasileiros acerca das pessoas em condições de refúgio e do próprio estatuto referente ao assunto. Além disso, visando compreender a experiência de um refugiado sírio no Brasil, fora realizada uma entrevista em profundidade.

Uma primeira coleta de dados quantitativos entre os brasileiros se deu ainda no âmbito do projeto Interdisciplinar, atividade acadêmica avaliativa desenvolvida pelos estudantes de psicologia coautores deste artigo. Devido à tendenciosidade presente em algumas perguntas que compunham esse que trataremos como “questionário piloto” e já no âmbito do grupo de pesquisa integrado ao Núcleo de Apoio aos Refugiados no Espírito Santo (UVV/ES) considerou-se pertinente a elaboração de um novo instrumento e a aplicação de um segundo questionário, ambos disponibilizados em redes sociais, sendo essas: grupos e páginas no Facebook, contatos pelo Whatsapp e divulgações acadêmicas (realizada por meio de postagens pelo Centro Acadêmico de Psicologia da UVV, assim como a página referente ao curso, visando solicitar a participação no questionário) com o objetivo de atingir um público diversificado e de diferente faixa etária. Dessa forma, trata-se de uma metodologia qualitativa (em relação aos resultados) e quantitativa (em relação à coleta dos dados).

O questionário piloto baseia-se na escala de Linkert que, Segundo Rodrigues (1996), possui boa correlação com outras escalas e critérios de medida de atitudes. Ela consiste em uma série de afirmações relativas a um objeto atitudinal, sendo metade das opções de resposta favoráveis ao objeto em questão e a outra metade desfavorável. Durante um mês, 223 pessoas em sua maioria mulheres (150) responderam ao questionário. Destes 223, a maioria (174) dos participantes possuía ensino superior, completo ou incompleto. Eram maioria também os indivíduos com a faixa etária de 20 a 30 anos. A divulgação foi realizada durante um período de um mês no qual foi disponibilizado em plataformas digitais, como Facebook, Whatsapp, sites de notícias e divulgação acadêmica. Esse questionário continha oito afirmações, sendo elas; “Os refugiados são iguais aos imigrantes”, “O



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Brasil está apto a receber refugiados”, “Os refugiados deveriam ter os mesmos direitos dos brasileiros”, “O Brasil já está cheio de refugiados. Deveria proibir a vinda de novos refugiados.” “O Brasil possui condição de trabalho para os refugiados”. “Abrindo as portas para os refugiados estamos abrindo as portas para os terroristas”, “Os refugiados do Oriente Médio oferecem algum tipo de risco para os brasileiros”, e por fim, “Crianças refugiadas podem ser consideradas má influência para as crianças brasileiras”. As afirmativas descritas apresentavam quatro alternativas; concordo totalmente, concordo parcialmente, discordo totalmente e discordo parcialmente.

Visando complementar a pesquisa, um segundo questionário foi desenvolvido, com o objetivo expandir a análise e torná-la dotada de imparcialidade. O método de divulgação ocorreu durante oito dias durante os quais os pesquisadores divulgaram no Facebook (grupos e páginas) e por mensagem, no Whatsapp ou Messenger, Instagram, sites de notícia e divulgação acadêmica (centros acadêmicos, em sua maioria da Universidade Vila Velha, ES). Com base nos resultados, o acesso ao questionário ocorreu principalmente devido a divulgação no Facebook. A respeito do público respondente, não foi estabelecido previamente nenhum critério restringindo a faixa etária, local ou escolaridade. Por ser um questionário aberto ao público, para traçar um perfil dos participantes, três questões deveriam ser respondidas antes de iniciar o formulário, sendo elas o gênero (feminino e masculino), a idade (em aberto para o indivíduo escrever) e o nível de escolaridade (opções variavam desde o ensino fundamental incompleto ao doutorado concluído).

O questionário recentemente desenvolvido, intitulado “Refúgio na atualidade”, foi desenvolvido com base em 8 novas afirmativas. Sendo elas: “Você sabe o que é a condição de refúgio?” “Você conhece as condições necessárias para um indivíduo ter o direito de solicitar o refúgio?” “Você sabe quais direitos são garantidos aos refugiados pelo Estado brasileiro?” “O governo brasileiro deveria limitar a entrada de refugiados?” “Quanto a afirmativa: O governo brasileiro possui políticas de recepção aos refugiados satisfatórias, marque a alternativa que melhor corresponda a sua opinião”, “Quanto a afirmativa: Os refugiados deveriam ter os mesmos direitos que os brasileiros, marque a opção que melhor corresponda a sua opinião”, “O governo brasileiro deveria fazer distinção na recepção de refugiados de diferentes origens?” e por fim “Como você teve acesso a este questionário?”.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### IV. Análise e discussão dos dados

Foram 304 respondentes e pode-se caracterizar o perfil desses com base na predominância dos resultados coletados. A maioria respondente foi composta por indivíduos do gênero feminino (65,1%), com uma faixa etária que variou de 12 a 74 anos, sendo a grande maioria indivíduos com 20 anos. O nível de escolaridade predominante foi o Ensino superior incompleto (47,7%), representando 145 pessoas do total dos respondentes.

Das afirmativas referentes à segunda pesquisa, as opções que corresponderam à escala de Linkert, foram utilizadas em duas afirmativas, sendo elas “Quanto à afirmativa: Os refugiados deveriam ter os mesmos direitos que os brasileiros, marque a opção que melhor corresponda a sua opinião” e “Quanto à afirmativa: O governo brasileiro possui políticas de recepção aos refugiados satisfatórias, marque a alternativa que melhor corresponda a sua opinião”. Cada afirmativa possuía cinco opções, com respostas que variavam entre: concordo totalmente, concordo parcialmente, não tenho opinião, discordo parcialmente e discordo totalmente. Para as outras perguntas utilizamos a metodologia dicotômica de análise de dados possuindo enquanto respostas apenas alternativas “Sim” ou “Não”. Por fim, algumas questões poderiam ser complementadas com comentários, os quais utilizamos, posteriormente, para análise crítica e qualitativa dos dados.

A análise dos resultados será realizada com o segundo questionário, considerando que algumas perguntas do questionário piloto foram percebidas como tendenciosas e inválidas do ponto de vista científico.

Em relação a primeira pergunta, “Você sabe o que é a condição de refúgio?”, 69,1% dos participantes (210 indivíduos) responderam que sim, e 30,9% responderam que não. Em relação a segunda pergunta “Você conhece as condições necessárias para um indivíduo ter o direito de solicitar refúgio?”, 26,6% dos participantes responderam que sim e 73,4% dos participantes (223 indivíduos) responderam que não. Apesar de 69,1% responderem que sabem o que é a condição de refúgio, 73,4% da mesma amostra diz não saber quais as condições necessárias para um indivíduo solicitar refúgio.

Na terceira pergunta, “Você sabe quais direitos são garantidos aos refugiados pelo Estado brasileiro?” 85,2% dos participantes (259 indivíduos) responderam que não, indicando que embora



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

os respondentes, em sua maioria, possuam algum conhecimento acerca da condição de refúgio, uma parcela ainda desconhece os direitos legais das pessoas que se encontram nessa situação, o que sinaliza a necessidade da promoção de informações desses direitos. Segundo o ACNUR (2016), os refugiados devem usufruir dos mesmos direitos e das mesmas assistências básicas que qualquer outro estrangeiro residindo legalmente no país, possuindo portanto a garantia dos direitos civis, sociais, econômicos e o acesso à assistência médica.

Na quarta questão “O governo brasileiro deveria limitar a entrada de refugiados?” 56,6% dos participantes (172 indivíduos) afirmaram que não. Contudo, embora a maioria dos participantes tenha sido contra a limitação da entrada de refugiados no país, ainda temos 43,4% dos respondentes, um total de 132 pessoas, que considera essa limitação como algo necessário.

A quinta e a sexta questão eram, na realidade, afirmativas, onde o participante era instruído, através da escala de Linkert, a afirmar se concordava ou discordava. A quinta afirmativa “O governo brasileiro possui políticas de recepção aos refugiados satisfatórias” ressaltou, assim como na terceira questão, a necessidade de promoção de informações sobre as condições de refúgio no país, com 40,1% dos participantes afirmando não terem opinião sobre o discutido. “Os refugiados deveriam ter os mesmos direitos que os brasileiros” corresponde a sexta afirmativa, com a maioria, 35,5% dos participantes escolhendo a opção “concordo parcialmente”.

A sétima pergunta do questionário “O governo brasileiro deveria fazer distinção na recepção de refugiados de diferentes origens?” na qual 82,5% dos participantes (251 indivíduos) afirmaram que não, pode ser relacionada com a quarta questão, que apresentou, ainda que sendo a minoria, um número relevante de pessoas a favor da limitação da vinda de refugiados ao país. Assim como na quarta questão, a maioria foi contra a medida apresentada, porém, a partir de alguns comentários adicionados a sétima questão, que consideram ser pertinente a distinção na recepção de alguns grupos de refugiados podemos fazer considerações relevantes.

Abaixo, alguns comentários com o perfil do respondente:

“Os oriundos de países comunistas e dos muçulmanos” – Masculino, 62 anos, Ensino Superior Completo.

“Os muçulmanos e os Venezuelanos.” – Masculino, 45 anos, Ensino Superior Completo.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“Acho que todos os casos devem ser analisados, pois em meio à um grupo de refugiados podem haver infiltrações mal intencionadas.” – Feminino, 44 anos, Pós Graduação Completa.

“Religiões com maiores números de extremistas.” – Masculino, 17 anos, Ensino Médio Incompleto.

“Aqueles do oriente médio.” – Feminino, 51 anos, Ensino Superior Incompleto.

“Árabes e mulçumanos” – Feminino, 53 anos, Ensino Médio Completo.

Segundo Elias (1994, p. 35):

“A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo outsider.”

Dessa forma, constrói-se um estigma a respeito do refugiado baseada em uma fantasia, uma imagem coletiva criada pelo grupo que foi passada ao longo do tempo, justificando muitas vezes o preconceito frente a esse grupo considerado “outsider”, que chega ao país com sua cultura e valores diferentes.

Em relação à afirmativa “O governo brasileiro possui políticas de recepção aos refugiados satisfatórias”, a alternativa “não tenho opinião”, foi predominante nos resultados, com 40,1% dos participantes (122 indivíduos). Não é cabível uma interpretação acerca desse resultado, uma vez que cada indivíduo possui sua forma singular de pensar e de responder de acordo com o que considera válido. Os dados sugerem, entretanto que pode não haver um conhecimento acerca dessas políticas. Segundo Milesi e Carlet (2006), o Brasil é considerado um dos países solidários na defesa e proteção dos refugiados, apresentando um dos maiores índices de reconhecimento, sendo também um país reconhecido como referência no apoio aos refugiados.

Segundo publicação do Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH), “Rede Solidária para Imigrantes e Refugiados” (2007, p. 2), no país existem Redes de Proteção que operam na implementação de políticas públicas para os refugiados, somando-se aos esforços e articulações, incorporando várias instituições, entes, personalidades, organizações sociais, universidades, que se unem na luta pela defesa do refúgio, na promoção de políticas públicas e ações solidárias de proteção, assistência e integração dos migrantes e dos refugiados. Embora o



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Brasil seja internacionalmente reconhecido como um país acolhedor, os refugiados que chegam ao Brasil também encontram dificuldades para se adaptar. Segundo A., refugiado sírio que vive no Brasil há aproximadamente quatro anos, quando questionado sobre o porquê solicitou refúgio ao Brasil e quais foram as dificuldades encontradas no país, afirmou, respectivamente:

Porque foi o país que abriu as portas para nós virmos facilmente, essa é a verdade. Mas foi muito difícil porque nós tivemos que pagar por tudo. O governo brasileiro não nos deu nada. Nós tivemos que pagar impostos, tudo. Então nem todos podem vir ao Brasil. Quem não tem dinheiro não pode vir ao Brasil, terá dificuldade.

Primeiro, a língua. Foi difícil para nos comunicarmos com as pessoas, principalmente porque pouca gente aqui fala inglês. Segundo, a cultura. Algumas vezes ela nos chocada. Mas o Brasil é um bom lugar para ter uma vida. Nós amamos o Brasil porque aqui nós temos uma vida.

Para Pacifico (2010, p. 391):

A solução é, além da modificação do sistema jurídico, o reforço das políticas públicas que auxiliem na formação e na produção de capital social. Os recursos devem ser postos à disposição dos refugiados, de acordo com suas diversidades culturais e o acesso às redes sociais devem ser facilitados. Entretanto, tudo isso somente pode ser concretizado com políticas públicas (re) distributivas, que evitem a segregação e fortaleçam a autoestima. Somente assim os refugiados estarão aptos a quebrar o ciclo negativo de vida em que se encontram, a se aceitarem e a aceitarem o outro, o novo, o estranho, que não será mais estranho, pois será seu novo lar e ele se sentirá, sendo assim considerado, parte desse todo, que o acolhe e que também deverá aprender a lidar com estes refugiados.

Dessa forma, faz-se necessário o investimento na implementação de políticas que evitem a segregação e fortaleçam a autoestima desses indivíduos, como sugere Pacifico. Uma articulação do Estado com ONGs e órgãos responsáveis em atender os direitos desses refugiados faz-se necessária, da mesma forma que a divulgação dessas ações para a população, visando esclarecer o tema, expandindo informações e facilitando a produção de um novo olhar sobre o refugiado.

A afirmativa “Os refugiados deveriam ter os mesmos direitos que os brasileiros”, obteve como predominância de resultado, a alternativa “concordo parcialmente” com 35,5% dos participantes (108 indivíduos). É importante considerar que todos os seres humanos são respaldados pelos direitos humanos, que, de acordo com Piovesan (2006), desde a Declaração de 1948, introduz a



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

concepção de que esses direitos são universais, inerentes à condição de pessoa, incluindo não somente direitos civis e políticos, mas também direitos sociais, econômicos e culturais.

### **V. Conclusão**

A partir desse referencial teórico, reunimos elementos para abordar o fenômeno da migração e do refúgio na atualidade, mesmo que em caráter exploratório. Nossa abordagem confronta a concepção liberal e dominante que pressupõe a dinâmica de elaboração da própria identidade e do exercício da autonomia dissociadas da alteridade, produzindo um ethos preconceituoso em que todo aquele que é diferente ou não compartilha minha visão de mundo deve ser evitado, excluído ou eliminado. Seja por incompatibilidades relacionadas à convivência de orientações diversas em termos de valores, crenças, opiniões, práticas sociais, etc. Seja por receio ou sentimento de ameaça em relação a quem julgo ser estranho, por influência de um estado de permanente competição — estimulado pela lógica individualista de funcionamento da sociedade capitalista — e por insegurança, entre outros fatores.

Assim, entendemos que o paradigma do reconhecimento contribui para uma melhor compreensão das condições sociais de integração do migrante na sociedade, cuja autorrealização é fundamental para o alcance da vida digna e para evitar fenômenos de desorientação e exclusão na vida social cotidiana (SCHUMACHER & SALUM, 2017).

A formação da identidade dos seres humanos passa por um processo intersubjetivo e constante de luta por reconhecimento mútuo entre parceiros de interação o que os permitem desenvolver formas de relação consigo mesmo através das relações sociais. Esses processos intersubjetivos de aprendizagem – de ver-se a si mesmo da perspectiva normativa dos parceiros de interação – constituem as mediações por meio das quais os indivíduos se tornam o que são. É também no interior desses processos intersubjetivos que formas sociais de vida são, continuamente, sustentadas e reproduzidas (HONNETH, 2003).

Por meio das relações afetivas íntimas de amor e amizade os indivíduos adquirem autoconfiança, sendo esta a forma mais básica de reconhecimento. Neste sentido, no nível mais fundamental, quando o controle do indivíduo sobre seu corpo – sua integridade física – é violado por violência



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

física, tortura, etc., então, o indivíduo perde a confiança na estabilidade de sua identidade básica e a constância de seu mundo, sentimentos interiores necessários para um sentido saudável de ‘autoconfiança’. O auto respeito se adquire por meio do conhecimento dos direitos universais de liberdade e igualdade dando-lhes garantias jurídicas que lhe permitem tomar decisões e desenvolver planos de vida próprios (SCHUMACHER e SALUM, 2017).

Havendo formas de desrespeito ou ruptura nas relações de reconhecimento essas experiências de desrespeito podem servir como motivação moral para a luta de indivíduos e grupos pela expansão de relações de reconhecimento, quando enfatizam os defeitos em arranjos sociais existentes (HONNETH, 2003, p. 213-253). Nesse contexto, o comportamento desrespeitoso significa injustiça não só porque fere os agentes ou restringe sua liberdade de agir, mas porque os difama e/ou degrada em sua própria compreensão positiva, adquirida de maneira intersubjetiva. A interconexão entre todos esses fatores lança as bases para explicar processos de mudança social a partir de impulsos para expansão do reconhecimento e de suas respectivas pretensões normativas, levantadas pelos agentes nas lutas sociais por reconhecimento individual e de grupo.

Como indica Piovesan (2006), a condição de refugiado é consequência de um estado que viola os direitos humanos, ou seja, o cidadão torna-se refugiado após um ou mais de seus direitos fundamentais serem ameaçados e, dentre as diferentes situações a que são expostos, apresentam uma história de repressão, abusos, terror e medo.

Carvalho (2014) se refere aos refugiados como uma população em risco, exposta a situações específicas que podem ser destrutivas para a saúde mental, quer sejam provenientes do trauma do passado, quer das dificuldades que podem encontrar no país de refúgio. Essas situações de risco a que são expostos de certa forma parecem se refletir na alta prevalência de desordens Psiquiátricas entre eles.

Miller e Rasco (2004) afirmam que profissionais de saúde mental começaram a documentar e reconhecer altos níveis de estresse experimentados por refugiados ao redor do mundo, salientando os muitos estudos que atualmente buscam evidenciar a associação entre traumas e condições de vulnerabilidade de refugiados com transtornos mentais, principalmente no que diz respeito ao Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) e a depressão.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Figueira e Mendlowicz (2003) afirmam que existem duas características centrais do Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT), sendo elas o evento traumático, que consiste na exposição a um evento que envolva a ocorrência ou a ameaça consistente de morte ou ferimentos graves para si ou para outros, associada a uma resposta intensa de medo, desamparo ou horror; e a tríade psicopatológica, que diz respeito à resposta do indivíduo a este evento traumático, desenvolvendo-se em três dimensões de sintomas: o re-experimentar do evento traumático, o evitar estímulos a ele associados e a presença persistente de sintomas de hiperestimulação autonômica. Com a alta incidência desses transtornos em refugiados, somos levados a refletir sobre propostas de intervenção que busquem promover uma melhora nessas condições atuais.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), o refugiado tem direito a mais do que apenas segurança física, também sendo garantida a ele assistência básica, direitos civis básicos, acesso a assistência médica, direito ao trabalho e, para as crianças, acesso à escola.<sup>6</sup> Porém, mesmo com esses direitos garantidos por lei aos refugiados e com um crescente número de estudos sobre a importância do cuidado psicológico voltado a eles, se faz necessário salientarmos a real importância da saúde mental voltada para essa população, a fim de promovermos uma melhora nas condições destes. Galina, Silva, Haydu e Martin (2017) afirmam que melhorar a saúde mental dos refugiados e promover oportunidades de apoio social parecem ser as principais formas de intervir em favor dessa população.

Carvalho (2014) ressalta a importância de criarem condições propícias a intervenções na saúde mental, assim como considerar programas de ajuda individualizados e especializados como prioridade para um bom ajustamento psicológico e cultural dos refugiados. Também se torna evidente a necessidade de um treinamento especializado para as equipes de saúde mental que atendem esses refugiados e a implementação de políticas que promovam a integração destes em seu país de refúgio, como é afirmado por Galina, Silva, Haydu e Martin (2017), indicando inclusive que a avaliação das necessidades psicológicas dessa população precisa ser compreensiva e inclusiva no que diz respeito às experiências pré e pós-refúgio e dimensões cultural e familiar da situação.

Cabe ressaltar a importância dada ao olhar integral na assistência aos refugiados, por meio da garantia de acesso aos serviços de saúde por

---

<sup>6</sup> Dados retirados do site da ACNUR: <http://www.acnur.org/portugues/>



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

intermédio de uma rede de apoio que trabalhe de modo intersetorial, somando esforços entre agentes públicos de saúde, educação e serviço social, com vistas ao fortalecimento do vínculo paciente/equipe de saúde e ao estabelecimento de laços de confiança nas relações de cuidado (GALINA, SILVA, HAYDU & MARTIN, 2017, p.303).

Tudo isso nos leva a refletir sobre a real importância desse cuidado psicológico com os refugiados e como uma melhoria em vários aspectos relacionados a essa assistência necessitam de um olhar mais atento, principalmente para uma melhor adaptação deles no país de refúgio.

A adaptação ao novo contexto mostra-se uma via de mão dupla aonde, não apenas os refugiados teriam que desenvolver sua resiliência à cultura e costumes do país acolhedor, mas também o povo que os recebe, em específico o brasileiro que foi objeto de nosso estudo. Embora seja um tema atual, os resultados obtidos na pesquisa evidenciaram falta de informação e de conhecimento dos brasileiros em relação aos povos que solicitam o abrigo e seus direitos como seres humanos. Os comentários preconceituosos são etnocêntricos e explicados por (LARAIA, 2003, p. 11) que diz que "Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo os seus próprios costumes, tão convencidos estão de que estes são melhores do que todos os outros". O fato de o homem ver o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância, e, frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros.

Observa-se a questão do refúgio como adversidade não apenas para os refugiados, mas também, para os que os recebem os quais precisam aprender a lidar com as diferenças, superar o medo do desconhecido, compreender e adaptar-se às mudanças na configuração mundial da qual fazem parte. Laplantine (1988) reconhece que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única, e que o conhecimento de nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras, o estranhamento causado pelo encontro com culturas distantes permite a modificação do olhar que se tinha sobre si mesmo. Abrir-se ao novo, flexibilizar-se, permitir-se trocas de informações, promove crescimento e amadurecimento emocional e psíquico do indivíduo e é algo



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que deve fazer parte da vida, adaptar-se e acolher o outro é um desafio o qual permite ao ser humano tornar-se mais forte para superar seus próprios limites.

O refugiado como qualquer pessoa é um ser holístico, portanto é imperativo para a compreensão das suas necessidades uma análise da história de cada indivíduo e do grupo de que faz parte. Analisando o contexto histórico, as leis em que são submetidos e a relação com os outros podemos traçar um guia para melhoria de vida desses indivíduos perante o refúgio, tornando isso possível através da conscientização da população acolhedora com medidas informativas relevantes utilizando mídias publicitárias e veículos de divulgação comprometidos com a verdade e o bem-estar sócio humano.

## VI. Bibliografia

ACNUR. (2015). **Cartilha trabalhando com refugiados.**

ANDERSON, Joel; HONNETH, Axel. Autonomy, vulnerability, recognition and justice. In: CHRISTMAN, John; ANDERSON, Joel. (eds.). *Autonomy and the Challenges to Liberalism: new essays.* New York: Cambridge University Press. p. 127-149. 2005.

Andrade, G.B. A guerra civil síria e a condição dos refugiados. **Revista de Estudos Internacionais.** 2 (2). 2011. ISSN 2236-4811

ARAÚJO, José Newton Garcia de. (2014). Figuras de resistência. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho,** 17(spe). 33-42. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v17ispe1p33-42>.

BAPTISTA, Ligia Pavan. (2011). *Guerra e Paz na teoria de Thomas Hobbes.* Proceedings of the 3rd ENABRI 2011 3º Encontro Nacional ABRI 2011 , v. 1, p. 1. 2011.

CARVALHO, C.A. Ver passar a vida num campo de refugiados: cotidiano e significação psicológica. 2014.

DEVLIN, John F. "The Baath Party: Rise and Metamorphosis." **The American Historical Review.** vol. 96, no. 5, 1991, pp. 1396–1407. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/2165277](http://www.jstor.org/stable/2165277).

DOMINGUEZ, Juliana A.; BAENINGER, Rosana. Programa de reassentamento de refugiados no Brasil. **Anais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais.** Caxambu. 2006.

EIA, U. (2015). Short-Term Energy and Summer Fuels Outlook. *Washington, DC, US Energy Information Administration.*

ELIAS, N. **O processo civilizador.** v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (1994).

ELIAS, N. **O processo civilizador: Uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar

FIGUEIRA, I. & MENDLOWICZ, M. Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático. **Revista brasileira de psiquiatria.** 25 (Supl I), 12-6. Rio de Janeiro. 2003.

FREUD, Sigmund. **A pulsão e suas vicissitudes.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro: Imago, s/d. vol. XIV 1996. (1915).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. L&PM. (1921).
- GALINA, Vivian Fadlo; SILVA, Tatiane Barbosa Bispo da; HAYDU, Marcelo; MARTIN, Denise. A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. 21(61), 297-308. 2017.
- GLOBO.COM (7 abril 2017). Que interesses levam a Rússia a apoiar a Síria? Especialistas respondem. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/que-interesses-levam-a-russia-a-apoiar-a-siria-especialista-responde.ghtml>>. Acesso em: 7 ago. 2017
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- HERZOG, B.. Between nationalism and humanitarianism: the glocal discourse on refugees. **Nations and Nationalism**. Vol. 15, Iss. 2, pages 185-205, 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/wol1/doi/10.1111/j.1469-8129.2009.00380.x/>>. Acesso em: 17 agosto 2017.
- HOLLIFIELD, James. The Politics of International Migration: how can we “bring the State back in”? In: BRETTELL, Caroline.(Ed.). **Migration Theory: talking across disciplines**. New York: Routledge. 2000. p. 137-175.
- IMDH. Instituto de Migrações e direitos humanos. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/IMDH> Acesso em 08 set. 2016
- JACOBSEN, Karen. Factors influencing the policy responses of host governments to mass refugee influxes. **International Migration Review**. Vol. 30, N 3, 1996, p. 655-678.
- JOFFÉ, George. (2011). A Primavera Árabe no Norte de África: origens e perspectivas de futuro. *Relações Internacionais (R:I)*, (30), 85-116. Recuperado em 30 de julho de 2017, de [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-91992011000200006&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000200006&lng=pt&tlng=pt).
- KOSER, K. ; BLACK, R. (1999). Limits to Harmonization: The “Temporary Protection” of Refugees in the European Union. *International Migration*. 37: 521–543. doi:10.1111/1468-2435.00082.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Editora: Brasiliense. 2003
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 21ª edição. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.
- LINHARES, Maria Beatriz Martins, & Martins, Carolina Beatriz Savegnago. (2015). O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 32(2), 281-293. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000200012>
- LOCKE, John (1689). **Segundo tratado sobre o governo civil**.
- MACHADO, Lauren; MENDELSKI, Bruno. A Política Externa e a Atuação Russa no Conselho de Segurança das Nações Unidas de 1991 – 2014. **Revista Geopolítica**. v. 6, n.1, pp: 46-64. 2015.
- MALMESBURY, Thomas Hobbes. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um estado eclesiástico e civil**. Paris. 1651.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Marcelo, Leandro Eichler. (2006). O programa adaptacionista em psicologia e a teoria da evolução das espécies. *Ciências & Cognição*, 7(1), 49-67. Recuperado em 01 de agosto de 2017, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212006000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000100006&lng=pt&tlng=pt)

Meyers, Eytan. Theorie sof International Immigration Policy: a Comparative. **Analysis International Migration Review**. Vol. 34, Nº 4, 2000, p. 1.245-1.282.

MIGGIANO, Luca. 2009. "States of Exception: Securitisation and Irregular Migration in the Mediterranean." Research Paper 177, New Issues in Refugee Research Series. United Nations High Commissioner for Refugees, Policy Development and Evaluation Service Working Papers. <http://www.unhcr.org/4b167a5a9.html>.

MILESI, R; CARLET, F. Refugiados e Políticas Públicas. In: Rodrigues, V. M. 2006. (org.). **Direitos humanos e refugiados**. Vila Velha, UVV, pp. 123-150.

MILLER, K. E; RASCO, L. M. An ecological framework for addressing the mental health needs of refugee communities. In K.E. Miller & L. M. Rasco (Eds.), **The mental health of refugees: Ecological approaches to healing and adaptation**. (pp. 1-64). Mahwah, NJ: Erlbaum. 2004.

MOREIRA, J. B. Redemocratização e direitos humanos: a política para refugiados no Brasil. **Revista Brasileira de Política Internacional**. 53 (1), 111-129. 2010.

MOSCOVICI, Serge. The coming era of social psychology. In J.P. Codol e J.P. Levens. **Cognitive Approaches to Social Behavior**. The Hagne, Nighoff. 1982.

MOSCOVICI, Serge; DUVEEN, Gerard. **Social representations: Explorations in social psychology**. Cambridge: Polity Press, 2000.

PIOVESAN, F. (2006). O direito de asilo e a proteção internacional dos refugiados. In: Rodrigues, V. M. (org.). **Direitos humanos e refugiados**. Vila velha, UVV, pp. 54-95.

PIOVESAN, F. O direito de asilo e a proteção internacional dos refugiados. In: Rodrigues. V. M. (org.). **Direitos humanos e refugiados**. Vila velha, UVV, pp. 54-95. 2006.

RESENDE, Carlos Augusto Rollemberg de. (2004). O Homem, o Estado e a Guerra: uma análise teórica. **Revista Brasileira de Política Internacional**. 47(1).185-187. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292004000100009>

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292004000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292004000100009)

RODRIGUES, A. **Psicologia Social**. São Paulo: Vozes. 1996.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Representação social e a relação indivíduo-sociedade. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 3, p. 133-142, dez. 1994. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413389X1994000300013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X1994000300013&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 31 ago. 2017.

SCHUMACHER, Aluisio Almeida; SALUM, Gabriel Cunha. Reconhecimento social e orientação de políticas para migrantes e refugiados. **Bauru**. v. 5, n. 1, p. 17-36, jan./jun., 2017 (8).



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SCHWEITZER, R.; PERKOULIDIS, S.; KROME, S.; LUDLOW, C. ; RYAN, M.. attitudes towards refugees: the dark side of prejudice in australia. Taylor & francis online, Vol. 57 , Iss. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00049530500125199/>>. Acesso em: 17 agosto 2017.

SEITENFUS, Ricardo Antônio da Silva; VENTURA, Deisy. Um diálogo entre Einstein e Freud, Por que a guerra? Fadisma, Santa Maria, São Paulo. 2005.

SHUMAN, Amy,; BOHMER, Carol. "The stigmatized vernacular: political asylum and the politics of visibility/recognition." Journal of Folklore Research, vol. 49, no. 2, 2012, p. 199+. AcademicOneFile, go.galegroup.com/ps/i.do?p=AONE&sw=w&u=capes&v=2.1&id=GALE%7CA314934352&it=r&asid=20599d9f3c06d5b3a66c8b3104acfa6e. Accessed 21 Aug. 2017.

TABOADA, Nina G; LEGAL, Eduardo J; MACHADO, Nivaldo. (2006). Resiliência: em busca de um conceito. **Journal of Human Growth and Development**. 16(3), 104-113. Recuperado em 31 de julho de 2017, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822006000300012&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012&lng=pt&tlng=pt)

THE ECONOMIST. THE EXTENT OF THE SUFFERING: Syria's crisis. The Economist, 02 abr. 2013 Disponível em:<<https://www.economist.com/blogs/pomegranate/2013/04/syrias-crisis>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

UCHOA, Pablo. Dominio Árabe: Debate politico ofusca desastre humano na Síria. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/12215/Domino-Arabe-Debate-politico-ofusca-desastre-humano-na-Siria/>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

VILHAVAL, lucien (2013). A guerra civil na siria e seus refugiados: uma reflexão sobre a atuação do alto comissariado das nações unidas para os refugiados (ACNUR)

ZANELLA, Andréa Vieira; LEVITAN, Déborah; ALMEIDA, Gabriel Bueno de; FURTADO, Janaína Rocha. (2012). Sobre reXistências. **Revista Psicologia Política**. 12(24), 247-262. Recuperado em 31 de julho de 2017, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2012000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2012000200005&lng=pt&tlng=pt)